

Argumentação em cartas de amor: uma análise textual sobre o valor e a valoração da morte

Evandro de Melo Catelão*

Fábio Izidoro**

Resumo: Buscamos neste artigo examinar a utilização de valores e o valor para a morte no estudo da argumentação em cartas de amor da virada do século XX. Utilizamos como pressupostos teóricos autores que se dedicam ao estudo da argumentação no discurso além da Retórica e da Nova Retórica (AMOSSY, 2017; 2018; PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 1996; PLANTIN, 2011). A análise dos documentos indica uma visada persuasiva no sentido do uso de valores como técnica persuasiva na justificativa para a morte autoinfligida. Foi possível ainda delimitar uma tabela de uso de valores para a morte.

Palavras-chave: Argumentação no Discurso. Valor. Cartas de amor.

Abstract: In this article, we seek to examine the use of values and the value for death in the study of argumentation in love letters from the turn of the 20th century. We use as theoretical assumptions authors who dedicate themselves to the study of argumentation in the discourse beyond Rhetoric and New Rhetoric (AMOSSY, 2017; 2018; PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 1996; PLANTIN, 2011). The analysis indicates a persuasive aim in the sense of using values as a persuasive technique in the justification for self-inflicted death. It was also possible to define a table for the use of values for death.

Keywords: Argumentation in the Discourse. Value. Love letters.

Résumé: Nous cherchons dans cet article à examiner l'utilisation des valeurs et la valeur sur la mort dans l'étude de l'argumentation dans les lettres d'amour du début du XXe siècle. Nous utilisons comme hypothèses théoriques des auteurs qui se consacrent à l'étude de l'argumentation dans le discours au-delà de la rhétorique et de la nouvelle rhétorique (AMOSSY, 2017; 2018; PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 1996; PLANTIN, 2011). L'analyse des documents indique un objectif persuasif dans le sens de l'utilisation des valeurs comme technique persuasive pour justifier la mort auto-infligée. Il a également été possible de définir un tableau d'utilisation des valeurs de décès.

Mots-clés: Argumentation dans le discours. La valeur. Lettres d'amour.

* Professor do Magistério Superior da Universidade Tecnológica Federal do Paraná - *Campus* Curitiba e Professor do Mestrado Profissional em Ciências Humanas - PPGEM no Campus Londrina. <http://orcid.org/0000-0003-3006-5051>

** Especialista em Patrimônio, Memória e Gestão Documental, graduado em História, graduado em Letras (Português) e graduando em Museologia. <http://orcid.org/0000-0001-5394-5946>



Introdução

O universo das interações humanas desperta interesse significativo quando se toma como ponto de interesse a argumentação, vista e estudada de diferentes formas. Os estudos sobre a argumentação têm se concentrado recentemente ao que autores como Amossy (2018) ou Plantin (2011) apresentam como parte da análise de discurso ou de teoria da argumentação no discurso.

Nesse mesmo âmbito, neste e em outros estudos argumentativos, temos nos dedicado a análises da argumentação em diferentes perspectivas teóricas (textual/discursiva, da Retórica e da Nova Retórica, entre outras). Em estudos anteriores (CATELÃO, 2013; 2019)¹, chamou-nos atenção, por exemplo, que as tomadas de opinião em cartas de suicídio eram direcionadas à modificação de julgamentos de valor e, aparentemente, engajamento/manutenção de valores defendidos. Foi nesse sentido que buscamos nos posicionar nas análises, relacionando a argumentação aos estudos discursivos.

Para o presente estudo, partimos então da afirmação de que, em certos tipos de argumentação, os valores seriam utilizados como estratégia discursiva no sentido de gerar adesão à tese defendida. Avançamos no sentido de identificar, em mais amostras, o papel desse tipo de argumentação quanto a um questionamento anterior de que os valores (ou uso de valores) seriam também uma estratégia, ou seja, forma de gerar emoção e forçar um tipo de adesão. Assim, pretendemos nesse trabalho ampliar as discussões também para a apresentação da argumentação em cartas de amor, verificando a emergência de relações hierárquicas (parte do acordo com o preferível) no contexto da valoração do amor nesses documentos.

¹ O estudo tratou, de forma resumida, da observação da argumentação de suicidas em cartas. O estudo concluiu que o teor argumentativo das cartas levava à motivação para a morte autoinfligida em algumas categorias discursivas.

O corpus desse estudo foi coletado no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, não fazendo parte do estudo anterior (CATELÃO, 2013) por ser composto de mais de um grupo de cartas, o que fugia do tipo de amostra da pesquisa naquele momento. As cartas, assim como as do estudo anterior, estavam anexas a inquéritos policiais sobre suicídio. Contudo, contavam com um grupo maior de correspondências entre um casal na virada do século XIX para o século XX.

Para as análises partiremos, principalmente, dos estudos de Amossy (2017; 2018), Plantin (2011), revisitando os trabalhos de Perelman & Olbrechts-Tyteca (1996) além da apresentação de Pedro (2014) para a noção de valor. Finalizamos os fundamentos destacando aspectos relativos à noção de morte e suicídio presente em Ariès (2012), Kübler-Ross (1998), Rodrigues (2006), Elias (2001) e Agrest (2010), entre outros.

1. Argumentação, discurso e interação

A teoria da argumentação no discurso (TAD) apresenta-se como tendência nos estudos linguísticos. Para Amossy (2018), cada vez mais os estudos argumentativos têm produzido impacto no espaço das análises discursivas. Isso significa que discursivamente tudo o que é pronunciado ou escrito pode argumentativamente induzir uma ação, comportamento, pensamento ou até mesmo mudança de opinião e/ou adesão a um ponto de vista. Modularmente, nesse sentido, a autora observa dois posicionamentos nas interações persuasivas: uma visada argumentativa, intenção de adesão a uma tese custe o que custar, e uma dimensão argumentativa, convite a pensar ou simplesmente modificar uma visão sobre um objeto.

Essa visão de TAD cerca-se ainda no pressuposto de que a retórica e a argumentação seriam áreas permutáveis (não áreas opostas ou sem combinação entre suas partes) e, assim, parte integrante da AD (Análise do Discurso) por, assim como a linha maior, querer esclarecer os funcionamentos discursivos. Esse posicionamento é também atraído pelos pressupostos de não haver discurso: sem enunciação (efeito da

utilização da linguagem em situação); sem dialogismo (a palavra em relação à palavra do outro); sem representação de si (imagem de locutor); sem argumentatividade (compartilhamento de modos de ver uma situação).

Amossy (2018), então, delimita atentamente uma série de pontos a serem considerados na empreitada dos estudos argumentativos. Dos citados pela autora, analisamos alguns tópicos ligados, historicamente, à duas vertentes que também creditamos como representantes e instigadoras de pontos centrais hoje discutidos entre os estudos linguísticos e/ou do discurso, a Retórica e a Nova Retórica (NR), interessando-nos mais particularmente essa última. Desse ponto, assumimos para esse estudo a seleção de alguns conceitos discutidos por Amossy (2018) e Perelman & Olbrechts-Tyteca (1996) com foco na problemática das interações persuasivas. A NR trata da noção de acordo que, particularmente, parece-nos relevante aos estudos argumentativos. Seria inclusive com base nessa noção que Amossy (2017) delimita discursos que se debruçam sobre aspectos que tendem ao desacordo (e não ao acordo) como mais comuns nos textos argumentativos, os denominados discursos polêmicos.

Dessa delimitação inicial, partimos, nesse estudo, de um recorte no sentido de nos ampararmos em uma análise também nos moldes da TAD. Para tanto, na seção seguinte revisitaremos as noções de acordo e valor apresentadas por Perelman & Olbrechts-Tyteca (1996), buscando observar o alcance dessas noções em um campo interacional/discursivo e para a descrição da argumentação presente nas cartas que fazem parte do *corpus* de análise.

1.1. A gestão do (des)acordo e a noção de valor para a NR

Como apresentado anteriormente, a NR tinha como ponto de apoio a noção de acordo apresentada por Perelman & Olbrechts-Tyteca (1996). Chegar a um acordo seria, assim, o objetivo maior do orador, adaptando seu discurso ao seu auditório por meio de uma série de técnicas que permitiriam a adesão do auditório, ou seja, pelo *doxa* (opinião

comum, lugares comuns) ou uso de axiomas com o objetivo de justificar o posicionamento defendido e mobilizar as opiniões e adesões às opiniões.

Para Perelman & Olbrechts-Tyteca (1996), o acordo compreende, grosso modo, um conjunto de escolhas do orador, sendo um ponto de partida da argumentação. Nele, leva-se em conta o conteúdo, as ligações particulares e a forma de servir-se dessas ligações no interior das chamadas premissas escolhidas tendo em vista o que seria presumidamente admitido por um auditório em questão. Disso, entendemos que o acordo versaria sobre a “preparação” para a persuasão em que o argumentador pode considerar seu auditório (universal ou particular) e o tipo de argumento (do real ou do preferível) na construção de seu discurso. Contudo, os acordos não significam, como trazem os autores, uma adesão segura, mas premissas que podem servir como ponto de partida para a argumentação.

Os acordos foram divididos pelos autores em dois tipos base, acordos com o real e acordos com o preferível. Os acordos com o real serviriam a um auditório universal, e a construção da argumentação seria embasada em fatos, em verdades ou pela presunção de verdade. Por outro lado, em uma ordem do particular ou, nas palavras dos autores, de um auditório particular, teríamos os acordos com o preferível, com os valores, as hierarquias e os lugares do preferível. Esses últimos não seriam verdades, mas pontos de vista possíveis ou possivelmente assumidos pelo auditório.

Esse último tipo de acordo, na conceituação de Perelman & Olbrechts-Tyteca (1996) delimita um espaço possível e que, de certa forma, poderia indicar os rumos de alguns tipos de interação cujo objetivo final seria o acordo. Contudo, o campo da argumentação parece-nos muito mais complexo quando se observa as diferentes perspectivas que uma interação argumentativa pode ter. Amossy (2017), por exemplo, compreende que nem toda interação tem por objetivo a comunhão de opinião, chamando atenção para discursos que parecem não carecer da premissa de Perelman & Olbrechts-Tyteca (1996), mas que em suas bases migram ou tendem a engajar-se intencionalmente (ou não) ao desacordo, numa busca intencional pelo conflito de opiniões.

Amossy (2018) apresenta, nesse sentido, a argumentação em uma perspectiva modular que é sintetizada por Macedo (2018) em dois polos: de um lado a modalidade demonstrativa (da busca pelo acordo) e, de outro lado, a modalidade polêmica (com as múltiplas formas do dissenso). Cumpri-nos destacar que, em ambas as modalidades, as análises em estudos anteriores (CATELÃO, 2013; CATELÃO, 2019) demonstraram que as modalidades argumentativas parecem também ser diferenciadas, conforme as descrições de Perelman & Olbrechts-Tyteca (1996, p.74), seguindo o tipo de auditório e, em atenção ao auditório particular, as concepções e valor.

Por exemplo, o real (muitas vezes uma concepção filosófica), quase sempre se apresenta sem ou com poucas discussões sobre sua validade, ou seja, em relação ao acordo são mais fáceis de gerar adesão. Por outro lado, o campo do valor (campo do preferível, do auditório particular), aparece, nas análises de alguns textos (CATELÃO, 2013; 2019), mais próximo aos pontos de vista particulares que são defendidos pelos sujeitos, suas crenças, e, assim, mais propensos ao dissenso. Isso leva a crer que em alguns gêneros e, particularmente, em alguns temas aparecem já patentes formas e pontos de desacordo. Para Moeschler (apud AMOSSY, 2018), pragmaticamente, a partir do momento em que certas “conclusões” são visadas e certos temas entram em discussão, os interlocutores são obrigados a debater ou a tomar uma posição ou lado da discussão e isso parece acontecer na temática da morte e do suicídio.

De forma complementar ao que apresenta a autora, Plantin (2011) simplifica essa rede interativa/argumentativa pelas figuras de um proponente, um oponente e um terceiro, em que o terceiro, dentro de uma interação, seria aquele que poderia se vincular a um dos lados da argumentação, tendo em vista o tema em debate. Assim, oponente e proponente assumem papéis primordiais na gestão do desacordo e do próprio acordo. Um proponente, por exemplo, pode usar o desacordo como estratégia, marcando sua visão de mundo e acendendo uma discussão. Como produto dessa estratégia, ele clama por um grupo de apoio com fins de engajamento, podendo fazer exposição e ampliação do desacordo com a finalidade de marcar um território e, em contrapartida, acaba por reconhecer um outro (opponente) como capaz de digladiar, ou seja, reconhece também um território discursivo pertencente ao outro.

Esses pontos apresentados por Plantin (2011) reforçam que alguns tipos de discurso tendem a ser “falsos”, “manipuladores”, uma vez que não estão baseados em um plano científico, mas no que o autor define como um plano cidadão. Algo que estamos tentando identificar em nossos estudos (CATELÃO, 2019). Contudo, como apresenta o autor, é difícil provar linguisticamente que um discurso é manipulador.

Para nós, seria na defesa de espaços discursivos que os valores se manifestariam como marca argumentativa e seguindo também em duas possibilidades, valores mais ligados ao universal, ou fundados, e valores mais particulares e abstratos, ou infundados (CATELÃO, 2019). Na NR, segundo Perelman & Olbrechts-Tyteca (1996), os valores representariam um conjunto de crenças ou convicções dotadas de uma estrutura interna capaz de mobilizar ações e frentes de ações opostas, muito presentes no próprio ato de valorar. Retoricamente, segundo Perelman & Olbrechts-Tyteca (1996, p. 84-85) recorre-se aos valores “para motivar o ouvinte a fazer certas escolhas em vez de outras e, sobretudo, para justificar estas, de modo que se tornem aceitáveis e aprovadas por outrem”. Nesse campo, são ainda presentes, por isso, a pretensão ao particular, os grupos de adesão a uma crença e os grupos de defesa de uma crença. Recontextualizando pelo que apresenta Plantin (2011), um discurso embasado por crenças é um discurso em que seria difícil distinguir a verdade das explorações argumentativas tendenciosas.

Nesse sentido, concordamos com a premissa de Plantin (2011, p.26) quanto às argumentações contestadas, aquelas carregadas de emoção e que, em seu âmbito, versam sobre valores e interesses, ou no “em nome de...”. A defesa de um valor, ou mesmo o ato de valorar, segue muito mais guiada pela subjetividade e pela afetividade. De nossos questionamentos anteriores (CATELÃO, 2013; 2019) sobre textos genericamente guiados pela emoção (cartas e bilhetes suicidas), foi possível identificar essa problemática da argumentação apresentada por Plantin (2011), onde as orientações argumentativas eram frequentemente acompanhadas de emoção junto às crenças e motivações para a morte voluntária. Das análises, chegamos a uma síntese do campo dos valores (CATELÃO, 2019), aliando as delimitações de valor para a NR e na axiologia com base em Pedro (2014), conforme tabela que segue:

Tabela 1: regime de crenças e valores

Características	Descrição do valor
Ideais	Remetem a uma crença ou ao que é digno de importância a um sujeito.
Irreais (+ abstratos)	Não são materiais/palpáveis. Exemplos: lealdade, solidariedade, disciplina.
Apreciáveis (+ concretos)	São passíveis de admiração e de serem estimáveis, como também inexauríveis – seu valor não se esgota, sendo também intemporais.
Obrigatório (+ concreto)	Não nos são indiferentes e apresentam qualidades preferenciais.
Apetecibilidade	Remete a uma força atrativa sobre o sujeito marcado como “bom” ou “mau”.
Objetividade (+ concreto)	Intuímos o valor com objetividade.
Hierarquia	Grau de importância ou de preferência que o sujeito decide atribuir ao bem.
Heterogeneidade	Por mais que existam “famílias de valores”, há uma diferença qualitativa entre eles.
Polaridade ou Bi	Há valores positivos que correspondem simultaneamente a valores negativos, como “a guerra se opõe à paz”.
Lugar-comum	Há valores que já são consagrados e repetidos historicamente, por exemplo: “o bem triunfa sobre o mal”.

Fonte: Catelão (2019).

A tabela reflete características gerais dos valores tendo em vista sua organização e disposição nos discursos. Em termos analíticos e sem um caso de interação preciso, torna-se difícil identificar em todas as classes os que pendem mais ao real ou ao preferível, ou seja, classes de valores mais fundados ou não. Conseguimos apenas identificar traços mais concretos ou mais abstratos em alguns tipos. Recorreremos, nesse estudo, a esta tabela para tentar observar essas características nas cartas de amor.

2. A valoração da morte na sociedade ocidental

Sobre a história da morte e do morrer, Ariès (2012) pontua que a morte passou por algumas etapas durante a história humana. Isso mostra que as atitudes do homem ante o fim da vida se modificaram conforme ele transformou a sua forma de viver. Essa observação faz com que o autor chegue a algumas denominações sobre a morte

demarcadas em: a morte domada, a morte de si mesmo, a morte do outro, e a morte interdita. A delimitação dessas denominações nos permitirá, nas análises, observar a manutenção de alguns valores no discurso dos sujeitos.

Historicamente, segundo o autor, a primeira noção está vinculada à ideia de uma morte anunciada, prevista, seja por uma doença, uma batalha, uma situação com um risco para a vida. São assim delimitadas, pois, caso não houvesse um prenúncio, a morte súbita poderia ser creditada como algo terrível, abominável e trágico. A ideia de anúncio da morte serviu e ainda serve para que uma pessoa possa ter tempo para deixar tudo pronto para ter uma “boa morte”.

Na segunda noção, a morte de si mesmo está relacionada com aceitação plena do homem ante a morte. Ela não é nem exaltada, nem mesmo evitada, mas proporciona aceitar a morte com todos os ritos necessários para “realizar a passagem da vida terrena para uma outra vida” (ARIËS, 2012, p. 50). Essa seria a origem cultural, por exemplo, das representações de juízo final, do retorno às epígrafes fúnebres (que acabam desaparecendo no começo da Idade Média) e do início de personalização das sepulturas. Essas práticas marcam o começo da individualização do morrer, sinalizada em cada particularidade admitida.

Por fim, a morte do outro trata, para o autor, de uma mais recente visão da morte por parte do homem ocidental. Se antes o morrer era pavoroso e abominável, agora a morte passa a ser vista como algo até passível de ser exaltado e até mesmo desejado. Também entram nessa classe, a morte romântica, quase sempre a morte do outro (não a morte de si). É aqui que expressões mais dramáticas ante a perda de um ente querido se tornam mais acentuadas: emoções agudas, choros, súplicas e outras expressões ganham mais força (ARIËS, 2012).

Em limites próximos a essa última categoria e à morte romântica, Rodrigues (2006) aponta que a morte do outro é um tipo de morte cujo enfrentamento é mais difícil. Não se teme mais somente o fim da própria vida, teme-se perder também quem está próximo. Com base nessa ideia, na Era Moderna, durante o século XVI, surgiu a necessidade de demonstrar o luto, uma marca social do sentimento para quem fica. Daí o luto romântico e a visão romântica da morte prosseguiram, em algumas facetas, pelo

viés do exagero (RODRIGUES, 2006). Em atenção ao corpus do presente estudo, essa é uma importante consideração, pois seria possível identificar em comparações na literatura a visão de morte como libertação, em especial quando ligada ao amor não consentido.

Nesse sentido, a visão romântica socialmente construída da morte acaba por se tornar um paradoxo: ao mesmo tempo que causa fascínio e tenha elementos atrativos, a morte também acaba por ser algo terrível e indesejável, indo na contramão da visão de que o ato de morrer é algo normal e que está presente no cotidiano. Rodrigues (2006) pontua, assim, quatro características dessa morte romântica contemporânea: mudança da forma como o ser humano lida com a morte; alteração da visão religiosa acerca do que é a vida eterna; tentativa dos vivos em diminuir a distância entre corpo e alma e uma conexão maior com aqueles que já se foram; mudança dos locais de atos fúnebres, da Igreja para a família, ou para a medicina (hospitais).

Quanto aos ritos e crenças que se formaram, conforme aponta Elias (2001), “morrer pode significar tormento e dor” (ELIAS, 2001, p. 20). Para o autor, antes a morte era mais dolorosa, já que não haviam recursos para aliviar as dores que possivelmente surgem no fim da vida. Todavia, algo realmente se transformou: antes a morte era tema de rodas de conversa, estava presente no cotidiano e podia ser falada abertamente. Hoje, falar sobre a morte é um tabu, um tema que deve ser evitado (assim como acontece com o suicídio, próxima seção). A morte, outrora presente na vida doméstica e no cotidiano, passa a ser algo vergonhoso, proibido (MARANHÃO, 1985). Todavia não se tratam de mudanças ou uma evolução na forma de compreender a morte, mas sim de deslocamento de ritos (KELLEHEAR, 2016).

2.1. A morte voluntária

Sobre a morte voluntária, são diversas as definições e crenças que, com o passar do tempo, foram socialmente construídas, tanto que o suicídio pode ser analisado pelo

viés filosófico, histórico, sociológico, psicológico/psiquiátrico, entre outros. Diversas áreas do conhecimento têm se debruçado sobre essa temática, considerada um tabu em diversas sociedades. Émile Durkheim, em sua obra “O suicídio” (1897), buscando compreender o fenômeno no final do século XIX, época em que os estudos psicanalíticos estavam no começo, apontando três formas de suicídio: altruísta, egoísta e anômico, que dependem de fatores externos e de sua relação com a comunidade (DURKHEIM apud BAYARD, 1996).

Por outro lado, em uma visão mais sociológica, Agrest (2010) acredita que todos, em algum momento da vida, irão ou já se questionaram sobre o suicídio ou sobre o real sentido da própria vida. Para a autora, esse questionamento muitas vezes pode acarretar em respostas desconfortáveis, fazendo com que se amplie o tabu. Perder o sentido de viver pode levar à perda da sua própria existência. Assim, Agrest (2010) pontua *a vida vale a pena ser vivida?* Para a autora, quando se vive sem sentido e sem perspectiva, muitas vezes se leva uma vida que não justifica a própria existência. O suicídio surge, então, como uma forma de libertação, de livrar-se do absurdo de uma existência sem sentido (CAMUS apud AGREST, 2010), de uma vida que não pode ser vivida, pois não tem razão de ser.

Contudo, não se deve confundir o desejo de morrer com a vontade de se matar. Chiavenato (1998, p. 75) elucida que “no desejo de morrer não há desprezo pela vida mas desprendimento – absolutamente nenhuma relação com o suicídio, pois, esse sim, às vezes implica desprezo pela vida”, ou seja, há o desejo da morte, desde que ela ocorra de modo natural, não sendo induzida. Socialmente, nem os doentes terminais, sofrendo dores e sem esperança de cura, têm direito à própria morte. A eutanásia é condenada em todo mundo e admitida em alguns poucos países, sob condições excepcionais (CHIAVENATO, 1998).

Como apontado anteriormente para a definição de morte, indo contra o processo natural do fim da vida em que a morte passou a ser hospitalizada, o suicídio foi também marginalizado na mesma direção. Ao negar a morte, busca-se a vida e o indivíduo que vai contra esse raciocínio não encontra lugar na sociedade. O suicida passa a ser aquele que “destoa” do ciclo comum da vida (AGREST, 2010). Inclusive sendo aquele que sai da

visão cristã, aquele que comete um grande atentado contra Deus, pois tira de si a vida que lhe foi dada por Deus e só ele pode tirá-la.

Em um outro universo de crenças, não é somente a perda do sentido da vida que pode levar alguém a tirá-la. A perda de um grande amor também acaba sendo um motivo para cometer suicídio. Assim como houve a visão romântica da morte (ELIAS, 2001), também encontramos uma visão romântica do suicídio. Minois (2018, p. 332) pontua que “o suicídio romântico, antes de tudo um suicídio por amor, tem inúmeras variantes”, ou seja, ele é motivado por diversos sentimentos, mas tem o amor e a paixão como base. Apesar da desilusão e descrença no amor ser um dos motivos para o suicídio, Agrest (2010) aponta que é um mito afirmar que o suicídio está necessariamente vinculado de forma exclusiva ao amor na juventude. Motivos como o conflito com os pais, parentes, pressões sociais, vida escolar e profissional acabam por influenciar na decisão de tirar a própria vida. São poucos os casos em que o suicídio é causado exclusivamente por um problema na área amorosa (AGREST, 2010). Isso reforça a tese de Minois (2018, p. 340), afirmando que desde os tempos modernos “todos os jovens falam em suicídio, mas pouquíssimos o cometem”. Os que acabam tirando a própria vida o fazem devido a uma soma de fatores: doença, solidão etc.; não exclusivamente por amor.

Com base nessas concepções de morte e suicídio (ARIÈS, 2012; RODRIGUES, 2006; ELIAS, 2001; além de KÜBLES-ROSS, 1998 e AGREST, 2010), criamos uma tabela-síntese desses conceitos (tabela 2) pela ampliação da base de dados do estudo de Catelão (2013) e mantendo as denominações de Agrest (2010) de crenças fundadas e infundadas, ou seja, crenças baseadas em fatos e verdades científicas e as crenças que não apresentam um tipo de comprovação válida, mas são admitidas socialmente, como segue:

Quadro 1: valores para a morte

Valores fundados	<ul style="list-style-type: none"> - A morte se tornou hospitalizada e individualizada. - Não é possível rejeitar a morte. - O desenvolvimento tecnológico é um paradoxo: criaram-se ferramentas para a medicina, mas também novas formas de morrer. - A morte pode ser advertida: por uma doença ou uma exposição a uma situação de perigo. - Tem se medo maior de perder o outro do que a própria morte. - O morto não tem um valor social, pois não tem <i>status</i>. - A morte está ausente do cotidiano familiar/social. - A morte foi banalizada quando se trata de pessoas distantes e desconhecidos.
Valores infundadas	<ul style="list-style-type: none"> - Não se deve falar de morte com crianças - Falar de morte atrai morte - A morte é um castigo religioso - Pressente-se quando a morte irá chegar, de modo sobrenatural - Ficar próximo de um morto pode atrair a sua presença - Não se deve falar de morte com familiares. - A morte é o começo de uma nova vida.

Fonte: Izidoro (2019).

3. Análise: Valor e valores para a morte em cartas de amor

3.1. Descrição da coleta do corpus

As cartas que compõem o corpus desse artigo são correspondências amorosas na então capital, Rio de Janeiro, entre Augusto Martins da Costa e Maria Rita. O amor e a paixão resultaram em cartas trocadas em 1902 e 1903, sendo que no dia 2 de março de 1903 Augusto tenta tirar a vida de Maria com um tiro, sem sucesso, e na sequência tira sua própria vida com uma bala de garrucha. Como provas da história, as cartas fazem parte de um inquérito de tentativa de homicídio seguida de suicídio coletadas no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. Elas são parte do arranjo da 11ª Pretoria, Freguesia de Engenho Velho (1895-1921)².

3.2. Análise da noção de valor nas cartas

² Para mais informações sobre a coleta, consultar Catelão (2013).

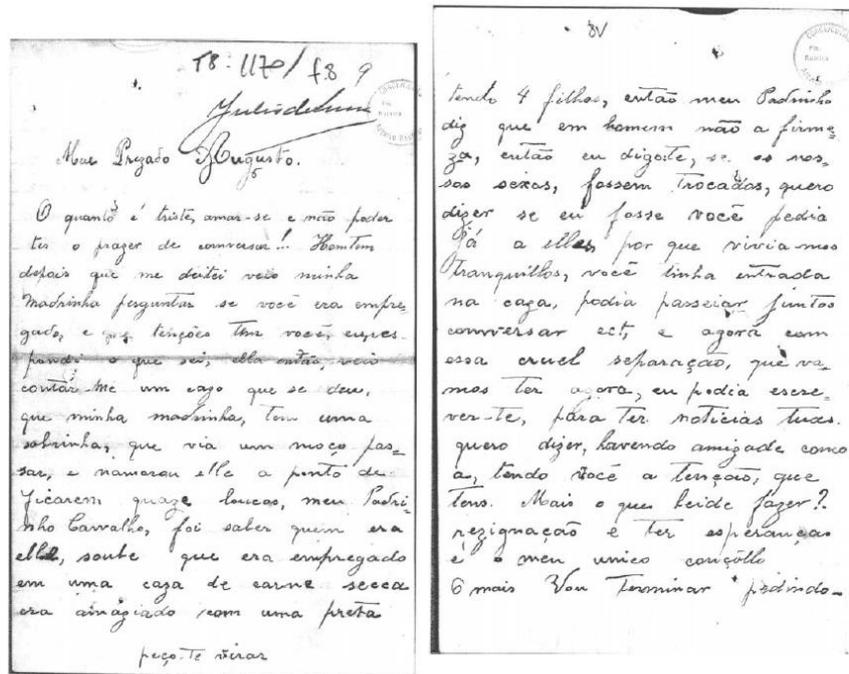
O primeiro grupo da amostra é composto de cartas de Maria Rita (quatro cartas) e na sequência trazemos o agrupamento de cartas de Augusto (seis cartas). Como critério para análise, pensamos inicialmente em uma organização por data de produção, contudo, pela ausência de datação, principalmente nas cartas de Maria Rita, preferimos tratar os grupos de cartas de forma isolada.

Por uma questão de espaço e objetivo do estudo, ao tratar dos valores, traremos apenas uma amostra das cartas de cada um dos produtores em cada grupo de análise, destacando ao final de cada uma das seções que seguem a presença de valores segundo os quadros anteriormente descritos (tabelas 1 e 2).

3.2.1. Valores nas cartas de Maria Rita

Contextualmente, nas cartas, Maria Rita apresenta-se como apaixonada por Augusto e vive a esperança de um grande amor. Morava com sua família, a quem tinha grande estima e consideração (uma marca de presença de valores familiares constantes em suas cartas), ouvindo, por exemplo, os conselhos de sua madrinha e o seu padrinho. A enunciatória usa suas missivas como expressão de todo seu sofrimento. Em CR₁ (transcrita na sequência), por exemplo, ela afirma “Cruel dia passei hoje!!!”, trazendo seu estado de humor ao coenunciador, Augusto. A moça também se desculpa pelos “erros e a má redação”, além de apresentar um possível amor não permitido, o que seria, no caso do suicídio, uma relação com o que apresenta Agrest (2010) para o mito de “Romeo e Julieta”, uma crença infundada para o suicídio, caso ela expressasse esse desejo. Isso “pois você [Augusto] sabe que eu não posso escrever. Estão todos juntos de mim”. A carta, que aparentemente foi escrita às pressas e às escondidas, vem questionar seu amado Augusto acerca de práticas que, na época, eram preocupações familiares, como emprego, ser realmente solteiro ou ter posses, como uma casa.

Figura 1: amostra de cartas de Maria Rita



Fonte: Izidoro (2019).

Transcrição de uma das cartas de Maria (T8:1170 / Folha 8 -frente e verso - e 9 - (CR1)

Meu Prezado Augusto

O quanto é triste amar-se e não poder ter o prazer de conversar!... Homtem depois que me deitei veio minha madrinha perguntar se você era empregado, e que tenções tem você, eu respondi o que sei, ella então veio contar-me um cazo que se deu, que minha madrinha tem uma sobrinha, que via um moço passar, e namorou ele a ponto de ficarem quase loucos, meu Padrinho Carvalho, foi saber quem era ele, soube que era empregado em uma caza de carne secca era amaziado com uma preta (peço-te virar) tendo 4 filhos, então meu Padrinho diz que em homem não a firmeza, então eu digo-te, se as nossas seixas, fossem Trocados, quero dizer se eu fosse você pedia já a eles, por que vivia mas tranquillos, você tinha entrada na caza, podia passeiar juntos conversar etc, e agora com essa cruel separação, que vamos ter agora, eu podia escrever-te, para ter noticias tuas. Quero dizer, havendo amizade como a, tendo você a tenção, que tens. Mais o que hei de resignação e ter esperanças e o meu unico consólio é mais Vou Terminar * pedindo

fazer? Resignação e ter esperanças é o meu único conçollo. O mais vou terminar pedindo-te, para desculpar-me, e desculpa-me m(?), pela confiança.

Receba um adeus saudoso da tua admiradora Maria

PS. Desculpe os erros e a má redacção pois você sabe que eu não posso escrever [] estão todos junto de mim

A mesma:

Cruel dia passei hoje!!!

Nas cartas, apesar da profunda tristeza que Maria Rita apresenta, não estão presentes elementos que indiquem que a moça pense na morte como uma solução para os problemas. No grupo de cartas presentes no inquérito, ela não chega a apresentar valores para a morte. Talvez a maior aproximação dela com a morte seja em um trecho que afirma “hei de provar-te o quanto te amo, que no mundo ninguém sera feliz do que você (...)”. Nesse trecho, poderíamos compreender que ela faria qualquer coisa para mostrar o quanto amava Augusto. De forma intertextual, remetendo anaforicamente às cartas de Augusto, que sinaliza esse desejo e o faz (também tomando como referência o inquérito policial), a prova de amor poderia estar relacionada a aceitar a morte como saída para o amor não correspondido.

Por outro lado, como marcação de outros tipos de valor, ela afirma considerar os conselhos de sua madrinha, que não foi nomeada no documento, e seu padrinho Carvalho. A madrinha questiona o emprego de Augusto e quais seriam as intenções do rapaz para com Maria. O padrinho reforça o que a madrinha diz, que é o medo de Augusto acabar enganando e traindo a moça. Mesmo não concordando com o que dizem os parentes, Maria Rita – de certa forma – considera sua família, procurando obedecer a ordem de não se encontrar com o seu amado, ainda que isso a faça sofrer.

Todavia, Maria não cumpre todas as recomendações de seus familiares, já que ela se comunica com o rapaz em segredo pelas cartas, conforme explicitado no fim de CR1. Contudo, essa desobediência é parcial, já que – caso Maria não valorizasse o seio familiar – ela não daria ouvidos e atenção e tomaria atitudes mais extremas para poder viver o

seu amor. Retomando a tabela 1, esses seriam valores marcadamente ideais e apreciáveis, o primeiro pelo eixo familiar ser digno de importância e o segundo por remeter à estima que ela tem em atender aos designios de seus padrinhos, algo apreciável na perspectiva do coenunciador e que valorizaria a imagem do enunciador. Esse traço demonstra uma estratégia com o uso de valores, ao mesmo tempo que remete a um tipo de polaridade de valor. Estrategicamente, o enunciador anuncia uma atitude importante como valorização do círculo familiar, mas contrariamente é fiel ao coenunciador ao escrever a missiva.

De igual importância, Maria tem apreço pela fidelidade (mais um valor ideal), algo que aparece nas cartas pela expressão do medo de ser traída. Mesmo quando está feliz com a recepção de boas notícias, ela ainda convive com o medo de ser trocada por outra moça, trazendo um valor irreal (abstrato), a lealdade. Em vários momentos, nas cartas, é possível perceber, aliada a esse valor, a presença também da polaridade, marcada na convivência entre a confiança no amado e a desconfiança. A confiança vem em momentos felizes, em que a Maria nota que é amada, que recebe elogios de Augusto. Além disso, a enunciativa teme ser esquecida e, como consequência, não ter a atenção e o seu amor correspondido.

Em uma análise pelo bloco de valores percebidos, percebe-se que sua utilização na argumentação amorosa quase sempre é intrincada ou intercruzada por um grupo de valores. Remetendo ao que afirmam Perelman & Olbrechts-Tyteca (1996), esse emprego de valores parece tentar motivar Augusto a fazer uma escolha, o amor incondicional pela enunciativa, justificando seus atos (seguir e apresentar os conselhos dos familiares), tornando sua atitude mais aceitável. Nessas cartas de amor aparece, bem presente, uma pretensão ao acordo com o preferível, ou seja, particular a um grupo que defende essa mesma crença.

3.2.2. Valores nas cartas de Augusto

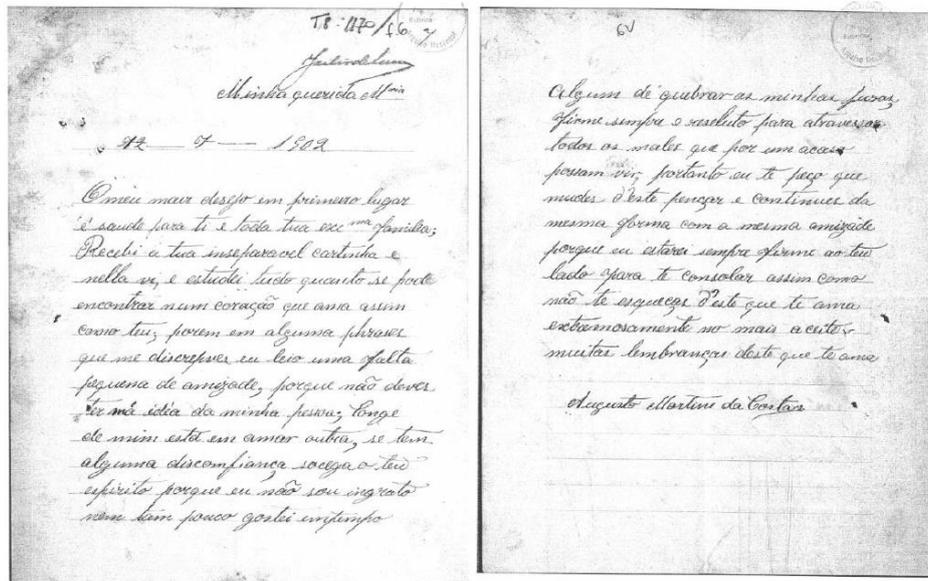
De uma perspectiva textual, as cartas de Augusto apresentam-se muito mais ricas quanto aos aspectos linguísticos e estilísticos nos limites do gênero carta pessoal em relação às cartas de Maria. Este aspecto pode ser historicamente determinado pelo período, uma vez que a escola do período estava ainda basicamente destinada aos indivíduos do sexo masculino, figura do homem como provedor, enquanto à mulher restava o papel de cuidar da casa e dos filhos, além de uma série de fatores sociais determinantes do período. Moldes de um modelo de educação excludente e elitista da então escola em ascensão no Brasil no final do século XIX que poderiam estar sendo representados nessa amostra.

Nesse sentido, estão impressos nas cartas de Augusto, além do amor por Maria, certo domínio da língua como na utilização de uma linguagem mais rebuscada e carregada de figuras de estilo para se referir à amada. Quanto aos aspectos relativos ao gênero, em suas produções ficam mais evidentes elementos do plano retórico da carta, como os termos de interpelação, lugar e tempo e as cláusulas de fechamento (fecho e assinatura). Além disso, suas missivas são marcadas pelos adjetivos e elogios à amada, conforme é possível observar no fragmento: “[...] e sabes qual é este único desejo minha querida Maria? Apосто que não! Porque não tens o dom de adivinhar. pois eu te explico aqui nas minhas linhas é o casamento este matrimonio a quem nos todos amamos; é o que me faz todos os dias pensativo!” (IZIDORO, 2019, p. 40).

Argumentativamente, estar definitivamente com Maria traria sossego e paz, propondo à coenunciadora um relacionamento sério e duradouro com o casamento. Com esse argumento, Augusto procura afastar as inseguranças na interlocução com a amada. “[...] em alguma phrases que me discreves eu leio uma falta pequena de amizade, porque não debes ter má idéa da minha pessoa; longe de mim esta em amar outra, se tem alguma desconfiança socega o teu espirito porque eu não sou ingrato” (IZIDORO, 2019, p. 40).

Com base nessa contextualização inicial, escolhemos para análise uma carta que faz, intertextualmente, uma interlocução com a carta anteriormente analisada.

Figura 2 – amostra de cartas de Augusto



Fonte: Izidoro (2019).

T8 1170 / Folha 21 - (CA6)

Meu prezado Anjo

Não sei como devo escreverte porque a minha inteligência, não é bastante para responder, uma carta tão difícil, e cheia de atrativos difficultosos para se decifrar; porem não ficarei com isto triste porque é bastante ter á fé divina, para que tudo me saia bem; e corra na melhor ordem possível; logo debes imaginar que não tenho medo de qualquer perigo que por um acaso possa ser sujeito; recebi a tua inseparável cartinha e na mesma ocasião, li atenciosamente as tuas bellas phrases a morosas nos quais não podes avaliar a alegria expendida que o meu coração teve nesta occasião tão feliz e tão importante para quem recebe da pessoa a quem ama saudades; debes estar baseada que é uma pura verdade que a palavra que eu a cabei de narrar é realmente pura e alias extremosa logo meu cara bem!, só te peço que conserves este modo de pensar para sempre porque é muito bonito para dois corações que se amam, não penses que é anedotas da minha

parte, porque eu te prometo ser verdadeiro e só por uma triste infelicidade poderá a partar este amor sincero e affavel que eu te consagro, no mais minha queria Maria vou terminar minha mal emprenconada cartinha com o meu coração quasi que incenssato, porque a tua mudanssa para mim foi uma setta que a travesou-me o meu coração, só poderei descançar com a morte ou junto a ti minha querida Maria!

No mais meu Respeito a todos

Deste ente que te amam eternamente

Augusto Martins da Costa

Observando o documento pelo regime dos valores, ao contrário da carta de Maria, augusto traz indícios da valoração da morte como uma forma de descanso dos sofrimentos vividos pelo casal. Por um valor ideal (tabela 1), o enunciador coloca o amor como digno de importância e devoção, seguindo também por uma relação hierárquica entre a morte e a vida sem o amor de Maria. Isso é revelado em um trecho de um dos documentos em que ele traz um poema dedicado à amada, enfatizando esse aspecto nos versos: “Eu te a doro inda mais que a vida! / Só por ver tua face mimosa / Trago est’ alma de dôr opprimida”. A relação hierárquica de valor se dá entre o amor que seria maior que a vida, além da vida de sua amada ser mais importante que a sua própria vida. Assim, uma vida (ou viver) longe da moça de nada valeria. Em outro verso afirma “eu só contigo quero viver! / Pois no mundo acharei mais sabor / Se teus mimos, meu bem merecer!”. O mundo e a vida, para Augusto, só teriam sentido ao lado de Maria Rita. Novamente, há o reforço da ideia de que só poderia desfrutar das alegrias da vida ao lado de sua amada, um valor ideal.

A possibilidade da vida sem a moça é algo que traz ao enunciador uma tristeza intensa. O amor, a vida e a morte são projetados em crenças que vão ora para o ideal, ora para o irreal no que poderíamos inferir como busca por certa lealdade em uma escala hierárquica delineada por uma sequência argumentativa de “amor impossível ou não correspondido, portanto, suicídio”, quando buscamos como referência o inquérito de suicídio.

Quanto a uma valoração da morte mais específica, na carta destacada para fazer parte desse artigo, o enunciador se mostra inquieto e afirma que é difícil para ele responder a uma carta tão emblemática que recebera de Maria (não foi possível identificar, com certeza, se a carta referida é a mesma utilizada nesse estudo, ou mesmo outra que não constava no inquérito), como segue: “não ficarei com isto triste porque é bastante ter á fé divina, para que tudo me saia bem; e corra na melhor ordem possível; logo debes imaginar que não tenho medo de qualquer perigo que por um acaso possa ser sujeito (...)”. Se apegando em suas crenças (fé divina, valor apreciável), Augusto se mostra destemido para tomar qualquer decisão, ainda que seja para tirar uma vida. Se viver sem Maria Rita não lhe faz mais sentido, a morte poderia ser uma solução para a sua dor, hierarquicamente a vida não teria valor sem o amor de Maria, tendo a morte maior peso.

Ainda no mesmo documento, ele afirma que “a tua mudanssa para mim foi uma setta que a travesou-me o meu coração, só poderei descansar com a morte ou junto a ti minha querida Maria”. Mais uma vez uma relação hierárquica entre morte, amor de maria e continuar vivendo. O amor não correspondido ou consentido seria motivo para a morte (homicídio de Maria e suicídio de Augusto). Remetendo ao regime de crenças, para a morte teríamos um caso do regime infundado da morte como libertação ou o começo de uma nova vida, já para o regime de crenças sobre o suicídio (AGREST, 2010; CATELÃO, 2013) também um caso de crença infundada relacionada ao mito de Romeo e Julieta. Se o enunciador não pode ficar com a amada em vida, é na morte que ele irá buscar refúgio, é nela que ele irá se apegar.

Com base nas duas análises, delimitamos uma tabela comparativa (tabela 3) entre os valores/crenças de Maria e Augusto.

Quadro 2 - presença de valores e valores para a morte nas cartas

MARIA RITA	AUGUSTO
<ul style="list-style-type: none"> - Não há valores claros de morte. - Valorização da família. - Lealdade. - Dualidade entre o namoro e a família. <p>(ideal, irreal, apreciável, polaridade).</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Tem-se medo maior de perder o outro do que a própria morte. - A morte é o começo da uma nova vida. - Fé divina. - Fidelidade. <p>(ideal, irreal, apreciável, hierarquia)</p>

Fonte: Izidoro (2019).

Nessa tabela destacamos para Maria os valores ideais e irrealis sobre a presença da família e a fidelidade, respectivamente. Lembramos ainda da polaridade presente entre o valor dado à família e aos seus dizeres em relação a Augusto e a manutenção da lealdade a esse amor. Não foi possível traçar em sua argumentação um panorama de valores para a morte. Já no caso de Augusto, são encontradas marcas hierárquicas entre o amor, a vida sem Maria e a morte. O ideal de amor ou da crença infundada de morte como o começo de uma nova vida. Por fim, o valor apreciável relacionado à fé divina apresentada por esse enunciador.

Considerações finais

Os dados presentes neste estudo corroboram com às pesquisas anteriores em que se identificou um elo importante entre o universo de crenças/valores e a teia argumentativa que se forma em meio aos efeitos persuasivos de alguns tipos de interação. Para alguns temas, em particular, os que são em sua natureza polêmicos, parece haver uma intrínseca relação entre a axiologia e os efeitos da argumentação. Em outras palavras, o uso de valores permite gerar adesão pela motivação e justificativa de ações de maneira a tornarem-se aceitáveis ao interlocutor. Esse, talvez, seria o ponto base da argumentação de Augusto e de outros que pensam como ele e que, em um caso

do amor impossível, a morte seria a opção mais aceitável e um conjunto de valores e hierarquias são apresentados para convencer como tal.

Assim, se o outro teme a própria morte, um tipo de argumentação como essa pode alterar até mesmo as visões de vida e de vida sem o outro (teme-se a perda do outro, teme-se também viver sem o outro). O suicídio de Augusto não seria somente por amor, mas também por uma soma de fatores descritos por ele que o levaram a chegar nesse ponto. Esse aspecto confirma a ideia de Agrest (2010) de que poucos realmente se matam exclusivamente por amor.

A teia de valores apresentados na interação entre os amantes, leva a crer, na reconstrução discursiva do ocorrido, que ele já estivesse com outros problemas, como desemprego, solidão, brigas familiares, levando à intenção da tentativa de homicídio seguida de suicídio. Contudo, trata-se apenas de uma hipótese tendo em vista o universo apresentado na seção de análise.

Finalmente, como parte da pesquisa maior que temos desenvolvido, o estudo do campo dos valores se mostra uma ferramenta útil aos estudos argumentativos no campo discursivo. O gênero carta, em particular, mostrou-se emblemático nesse sentido e pode ser ampliado também para o espaço das interações em mídia virtuais (talvez, em parte, para onde o gênero migrou). Nesses universos discursivos, são admitidos cada vez mais a relação entre discursos marcadamente polêmicos, os usos de valores e a persuasão manutenção de grupos de valores nas interações.

Referências

AGREST, Diana Cohen. *Por mano propia: estudio sobre las prácticas suicidas*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2010.

AMOSSY, Ruth. *A argumentação no discurso*. São Paulo: Contexto, 2018.

_____. *Apologia da polêmica*. São Paulo: Contexto, 2017.

ARIÈS, Philippe. *História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BAYARD, Jean-Pierre. *Sentido oculto dos ritos mortuários – morrer é morrer?* São Paulo: Paulus, 1996.

CATELÃO, Evandro de Melo. *Revelando motivos: a argumentação de suicidas sob as perspectivas textual/discursiva e retórica*. 2013. 237 f. Tese (Doutorado) - Pós-Graduação em Letras, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/30048>

CATELÃO, Evandro de Melo. Quando se perde o sentido da vida: valores em textos de suicidas. *EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, Ilhéus, n. 19, p. 47-67, ago.2019. DOI dx.doi.org/10.17648/eidea-19-2328. Disponível em: <https://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/2328/1764>

CHIAVENATO, Júlio José. *A morte: uma abordagem sociocultural*. São Paulo: Moderna, 1998.

ELIAS, Nibert. *A solidão dos moribundos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

IZIDORO, Fábio. *E o amor virou crime: uma análise textual sobre o valor para a morte em cartas de amor*. 2019. 50 f. Monografia (GRADUAÇÃO). Curso de Letras, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

KELLEHEAR, Allan. *Uma história social do morrer*. São Paulo: Unesp, 2016.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. *Sobre a morte e o morrer: o que os doentes terminais tem para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes*. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MACEDO, Patrícia Sousa Almeida de. *Análise da argumentação no discurso: uma perspectiva textual*. 2018. 245 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/38840>.

MARANHÃO, José Luiz de Souza. *O que é morte*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

MINOIS, Georges. *História do suicídio: A sociedade ocidental diante da morte voluntária*. São Paulo: Unesp, 2018.

PLANTIN, Christian. Análise e crítica do discurso argumentativo. *EID&A – Revista Eletrônica de estudos integrados em discurso e argumentação*. Ilhéus, n1, p.17-37, nov. 2011. Disponível em: <<http://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/365>>

PEDRO, Ana Paula. Ética, moral, axiologia e valores: confusões e ambiguidades em torno de um conceito comum. *Kriterion*, v. 55, n. 130, p. 483-498, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=So100512X2014000200002>.

PERELMAN, C; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

RODRIGUES, José Carlos. *Tabu da morte*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2006.

Recebido em 02/03/2020.

Aprovado em 14/07/2020.